

Nome: Rogério de Souza Teza

E-mail: rogerioteza@gmail.com

Instituição de Ensino: USP

Orientador: Osvaldo Frota Pessoa Jr.

A ATUALIDADE DA FILOSOFIA EM TEMPOS DE NEUROCIÊNCIA

Resumo: O objetivo dessa comunicação é discutir se a filosofia ainda tem um papel a desempenhar a despeito dos avanços da neurociência, que tem se empenhado em resolver questões de séculos. Para tanto, divido minha exposição em três partes. Na primeira, gostaria de examinar a afirmação de Popper de que os mais importantes problemas filosóficos têm motivação em preocupações ligadas à ciência. Em seguida, me proponho a analisar se os sucessos recentes da neurociência são realmente respostas a questões filosóficas que contribuem para a filosofia. Por fim, procuro responder se ainda há questões que não podem ser resolvidas definitivamente pelo avanço das ciências. Tenho, na verdade, muito mais perguntas do que respostas a essa questão. Na verdade, é justamente a partir disso que pretendo esboçar uma resposta para o lugar do fazer filosófico em tempos de neurociência.

Não é raro que nos deparemos com a questão de que a filosofia e a ciência nasceram intimamente ligadas. Também é corriqueiro se dizer que a filosofia precede todas as ciências; essa é uma questão que só caiba, talvez, na cultura ocidental, entre os herdeiros de uma tradição grega de pensamento que Husserl gostava de chamar de cultura europeia. Por isso que a afirmação de Popper pode causar estranheza. Como é possível os problemas filosóficos serem motivados pelos problemas da ciência? Não haveria aí uma inversão? A verdade é que a obtenção de conhecimento é um objetivo que pode facilmente ser desvinculado da filosofia, uma vez que pertence à necessidade biológica que se obtenha conhecimento dos objetos que nos cercam, assim como todos animais devem conhecer quais dos objetos que o cercam devem lhe servir de alimento e quais os seres que são seus predadores. Isso institui o controle dos fenômenos naturais, ainda que minimamente a todos os animais. Assim, se a filosofia é um amor pela sabedoria, pelo conhecer, há um outro conhecer que necessariamente a precede, e as preocupações desse conhecer do conhecer, desse conhecimento pelo próprio

conhecimento que é a filosofia, hoje um tanto esquecida, muito bem devem ser motivados por outros problemas do conhecimento e não o contrário como se costuma pensar.

Retratar a filosofia desta maneira, que, em vez de fazê-la primeira, a faz última, pode parecer um equívoco de uma análise simplista, logicista. A filosofia admitir isso para si própria seria como baixar a guarda e permitir investidas como a de Wittgenstein quando diz que a filosofia nunca colocou um verdadeiro problema que merecesse ser levado a sério. É preciso, porém, recordar que mesmo Aristóteles, o Filósofo, propunha uma taxonomia do conhecer dividido na experiência sensorial ou saber o que é, no técnico ou saber como é, e no teórico, ou saber por que é. E a filosofia, que desde sempre se encontrou apenas nesse último estágio, precisa imprescindivelmente pelo menos do primeiro para ter do que duvidar. E a vida nunca prescindiu do segundo para se preservar.

A filosofia se colocou no estágio mais alto do conhecimento, exigindo o máximo da recursividade, e auxiliou nas previsões dos níveis mais baixos. Mas como toda recursividade, se os elementos iniciais se alteram, os níveis mais altos também sofrem seus efeitos. E, se, como a história nos mostra, a ciência, tal como a conhecemos hoje, evoluiu da especialização da filosofia grega depois de passar pelo estágio de filosofia natural, só seguiu esse curso porque houve sucesso da investigação das causas, como concebido o conhecimento grego, no controle da natureza e na previsão, contribuindo para o conhecimento técnico, no nascimento da ciência moderna.

A despeito, porém, do estereótipo da filosofia natural, é uma questão genuinamente filosófica também se perguntar pelo homem. Quem somos? Somos uma alma aprisionada em um corpo? Como a alma interage com o corpo? Qual é a minha liberdade para escolher e decidir? Essas questões só interessaram a ciência mais recentemente, quando a mente se tornou objeto de investigação sistemática a partir de meados do século XIX. Da mesma maneira que, em algum lugar do passado, a ciência respondeu qual era a estrutura do sistema solar e desfez as dúvidas sobre os encaixes das esferas cristalinas, da mesma maneira a neurociência quer lidar com essas perguntas. E se parecem não fazer mais sentido, são afastadas da ciência, perdendo inclusive seu status de conhecimento. Ora, onde é o lugar para falar de alma, no sentido cartesiano, por exemplo, senão no pensamento religioso ou na história da filosofia?

Isso nos coloca frente à questão se não é a filosofia que motiva as questões científicas.

Os avanços da neurociência já explicam em certa medida a memória, a percepção, as emoções, o pensamento racional. Mas essas eram todas objetos de conjectura filosófica. A neurociência já crê explicar a mente como resultado de mapas mentais, como afirma Damásio, nos seu mais recente livro “E o cérebro criou o homem.”. Mas será que é isso mesmo? Questões sobre a visão que intrigaram Berkeley, hoje, parecem tão facilmente respondidas. A memória, que tanto instigou Bergson, já foi tão sistematizada em operacional, de curto e de longo prazo, já foi posta, ao menos em parte, em termos de sinapses e síntese proteica. A filosofia formulou tantas teorias, que a ciência agora permite verificar e torna problemas difíceis tão fáceis. Esse é o caminho? A filosofia formula perguntas e alimenta as hipóteses para a ciência responder mais cedo ou mais tarde?

É natural que o filósofo veja com desconfiança essa objetividade científica redutora. Será realmente possível alcançar a felicidade com uma pílula por dia? O escaneamento cerebral pode fazer a sociedade mais justa permitindo retirar previamente os indivíduos problemáticos? Se não sobra espaço para a filosofia nem sequer ter a liberdade de arbitrar sobre o livre-arbítrio, se até a formulação conjectural puder se encaixar no determinismo materialista, qual o espaço então para se fazer filosofia?

Mas essas crenças nos avanços da neurociência são simplistas. Apesar de tudo, fMRI, por exemplo, não é a fotografia do pensamento, mas apenas da atividade cerebral; a falta de serotonina não é sinônimo para tristeza. Ora, e como seria possível conjecturar sobre os correlatos cerebrais para estados mentais se a filosofia, campo da conjectura, deixasse de existir? Como será possível construir um conhecimento objetivo do sujeito se a própria separação sujeito-objeto não passar do mero arranjo neuro-sináptico que passou do cérebro de Descartes para o nosso?

A filosofia não é uma ciência. Ela nunca procurou respostas a problemas empíricos. A filosofia também não é sistemática. Nunca foi um mero método de pôr problemas empíricos. A filosofia não é um saber científico. E, se é o caso de a ciência ter emergido e, por fim, se separado da filosofia, é porque esta é uma postura que nunca está satisfeita com o que é aprendido e apreendido. Ela é, afinal, o único expediente capaz de nos preparar para viver quer a neurociência produza um desencantamento total em relação ao eu ou não, não através de respostas, mas de novas perguntas, principalmente, aquele velho e grego “por que?”

Palavras-chave: Neurociência; Filosofia da Mente; Materialismo; Reduccionismo.